

Universidade de São Paulo

Relações num mundo digital

Um estudo de Antropologia Ecológica

Victor Eiji Issa

Orientadora: prof.^a Dr.^a Sylvia Caiuby Novaes

Projeto apresentado à Fundação
de Amparo à Pesquisa do Estado
de São Paulo, como requisito para
a obtenção de bolsa de doutorado

São Paulo

2017

RESUMO: Esta pesquisa terá por objetivo estudar os chamados *nativos digitais*, por meio de uma perspectiva analítica que caminha rumo ao que Otávio Velho, ao analisar as obras de Gregory Bateson e Tim Ingold, denominou de um “paradigma ecológico” (VELHO, 2001). “Nativo digital” é um termo utilizado por especialistas para identificar grupos de pessoas que nasceram em um mundo em que tecnologias como computadores, internet e *smartphones* fazem parte de seus cotidianos desde seus primeiros anos de vida. Se pensarmos no termo de uma forma mais específica, este se refere àqueles que nasceram em meados da década de 1980 (PALFREY e GASSER, 2011), porém esta definição só é válida para habitantes de locais em que as tecnologias digitais já haviam chegado a suas vidas desde esta época. Tal tema é um campo fecundo para uma reflexão construída com base naquilo que Ingold chama de “ecologia da vida” (INGOLD, 2002). Por meio de uma etnografia feita entre jovens paulistanos, pretendo refletir sobre como a relação destes seres humanos com as tecnologias digitais influenciou significativamente em sua forma de viver.

Introdução

(...) o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos.

Eduardo Viveiros de Castro (2002)

Meu interesse pelo tema começou a partir de minha experiência como professor de Sociologia em uma escola estadual. Na área da Educação tem-se discutido a

necessidade de novas metodologias de ensino que sejam mais compatíveis com as novas gerações, caracterizadas por seu contato com novas ferramentas de comunicação, como computadores, celulares, *tablets* etc., que faz com que seu processo de aprendizagem se dê de uma forma diferente das gerações anteriores. Um bom exemplo que ilustra as mudanças que vêm ocorrendo é a forma como os jovens obtêm acesso a informações: pessoas nascidas até meados da década de 1980 – no Brasil até mesmo na de 1990 –, quando precisavam entregar um trabalho escolar, iam a bibliotecas ou às estantes de suas casas buscar em livros o conteúdo necessário à realização do trabalho. Hoje, isso soa como algo estranho aos jovens das grandes metrópoles: há a internet, que permite, instantaneamente, obter informações. O livro de papel, que só apresenta letras, tem sido substituído pelas mídias digitais, que trazem os chamados *hipertextos*, um tipo de texto em que são combinadas diferentes formas de informação (palavras, imagens ou sons), em uma mesma “página” da internet.

Conforme participava de debates e cursos na área da educação, fui percebendo que as discussões sobre o tema giravam sempre em torno do conceito de *cibercultura*, a partir de perspectivas que tomam este conceito como a base para a compreensão das novas gerações. Passei então a me perguntar de que forma a antropologia poderia contribuir para a construção de um novo olhar sobre tal temática.

O anseio por um olhar antropológico sobre a questão vinha de uma certa carência que eu sentia – quase uma agonia – ao me deparar com as análises sobre os nativos digitais. Com a expressão “olhar antropológico”, me refiro a uma postura teórica que sane duas principais defasagens nas análises em torno do tema: a primeira é o fato de que eu me deparava com boas *descrições*, porém como antropólogo, sentia falta daquilo que Clifford Geertz chamou de “descrição densa” (GEERTZ, 1989). Um outro fator problemático é o de que as análises sobre os nativos digitais os percebem como

produtos de um mundo permeado por novas tecnologias: aprendem e se comunicam em meio à chamada *cibercultura* e isso explica seu comportamento. Será que estamos diante de uma relação tão simples?

Adiante irei apresentar mais detalhadamente o conceito de *cibercultura*, mas destaco desde já que, se ao longo desta pesquisa não terei o objetivo de desconstruí-lo, ao menos buscarei relativizar sua importância nas reflexões sobre a relação entre humanos e as tecnologias digitais. A cibercultura aparece quase como uma entidade soberana que envolve o mundo. O ser humano enquanto ser que atua ativamente na construção de novos conhecimentos, habilidades, práticas e experiências fica ofuscado nas análises. A antropologia tem muito a contribuir no que diz respeito à constituição de um novo modo de se pensar sobre a questão.

Deixo claro desde já que eu não estou sendo pioneiro em apresentar uma abordagem antropológica sobre a relação entre seres humanos e o mundo digital. Porém, o diferencial desta pesquisa que pretendo desenvolver está numa abordagem que busca associar a questão às análises oriundas de um campo de pesquisas que vem ganhando força que, segundo Carlos A. Steil e Isabel C. M. Carvalho, pode ser chamado de “epistemologias ecológicas” (STEIL e CARVALHO, 2014)

Acredito ter conseguido expor os fatores que motivaram a elaboração deste projeto. Posto isso, passemos a algumas definições importantes.

Os nativos digitais

Não há informações precisas quanto à primeira vez que foi usado, mas atribui-se a Marc Prensky a criação do termo “nativo digital” (SOUZA, 2013). Os autores John

Palfrey e Urs Gasser, no glossário de seu livro *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*, nos apresentam a seguinte definição do termo:

Uma pessoa nascida na era digital (depois de 1980), que tem acesso às tecnologias digitais da rede e a grandes habilidades e conhecimentos de computação. Os Nativos Digitais compartilham uma cultura global comum que não é rigidamente definida pela idade, mas por alguns atributos e experiências relacionadas a como eles interagem com as tecnologias da informação, com a própria informação, um com o outro e com outras pessoas e instituições. (PALFREY e GASSER, 2011, p.324)

É interessante destacar como em poucas palavras os autores sintetizam muito bem os fatores que distinguem os nativos digitais: sua forma de interagir com as tecnologias da informação e com a própria informação, e também a sua maneira de se relacionar com pessoas e instituições. Palfrey e Gasser trazem uma rica descrição dos hábitos e comportamentos dessa geração. Na introdução de sua obra, os autores apresentam de forma mais detalhada algumas características importantes de serem destacadas. Vejamos o trecho abaixo:

“Diferentemente daqueles de nós um pouquinho mais velhos, esta nova geração não tem que reaprender nada para viver vidas de imersão digital. Eles começaram a aprender na linguagem digital; só conhecem o mundo digital.

‘(...)Em vez de pensarem na sua identidade digital e em sua identidade no espaço real como coisas separadas, eles têm apenas uma identidade (com representações em dois, três ou mais espaços diferentes). São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais, sua tendência para as multitarefas, os modos como se expressam e se relacionam um com o outro de maneiras mediadas pelas tecnologias digitais, e seu padrão de uso das tecnologias para ter acesso, usar as informações e criar novo conhecimento e novas formas de arte. Para estes jovens, as novas tecnologias digitais – computadores, telefones celulares, Sidekicks – são os principais mediadores das conexões humanos-com-humanos. Eles criaram uma rede que mistura o humano com o técnico em um grau que nunca experimentamos antes, e que

está transformando os relacionamentos humanos de maneira fundamental.”
(PALFREY e GASSER, 2011, p.14)

Nas grandes metrópoles não é difícil encontrarmos um *nativo digital*. Um sobrinho, neto, o filho de um amigo ou um vizinho... é bem provável que ele se encaixe nas descrições acima. Muitas pessoas com mais idade ficam surpresas ao ver como uma criança de quatro anos, às vezes até uma mais nova, já consegue interagir com a tela de um *tablet* ou um *smarthphone*.

O que diferencia as novas gerações de suas antecessoras não é apenas uma simples divergência ideológica, mas cognitiva. Mais do que uma diferença na forma de pensar e se expressar, os nativos digitais são dotados de uma forma diferente de absorver e se relacionar com a informação. Eles aprendem de um jeito diferente.

“Bem informados”, “criativos”, “hiperativos”, “imediatistas”, “superficiais”: todos estes são adjetivos utilizados para descrever as novas gerações (FRANCO e NETO, 2010; PALFREY e URS, 2011; SOUZA, 2013). Porém, fica a pergunta: de onde emergem estas características? Elas são apenas descritas, mas não são analisadas. É esta a inquietação sobre a qual eu me referi acima quando disse que até existem boas descrições sobre os nativos digitais, mas não há “descrições densas” sobre o tema. Toma-se quase como uma consequência “natural”, um jovem bombardeado de informações tornar-se “hiperativo” ou “superficial”.

Quando se pretende desenvolver uma reflexão mais profunda, utiliza-se o conceito de *cibercultura* como se este fosse a grande chave para se desvendar as questões propostas. Mais do que um conceito, a cibercultura aparece como um fenômeno global e inevitável, que não é pensado como um produto das ações realizadas por seres humanos, mas como um mecanismo de produção de formas de pensar e agir.

Quero deixar claro que nesta pesquisa não procurarei seguir esta abordagem, mas sim procurarei analisar os nativos digitais enquanto agentes ativos na construção de um conjunto de conhecimentos e habilidades que vão se entrelaçando e assim formando um sujeito a partir de sua vivência, ou como diria Ingold, de seu *engajamento* com o ambiente a sua volta. Para que se entenda melhor minha crítica, analisemos então algumas análises a respeito da *cibercultura*.

Cibercultura

Começamos analisando duas versões de autores influentes no campo de estudos sobre cibercultura: Francisco Rüdiger e Pierre Lévy. O primeiro a concebe como um cenário “avançado ou high-tech” da chamada “cultura de massas”; o segundo como a etapa mais avançada da evolução das tecnologias de comunicação humana.

Na conclusão de *As Teorias da Cibercultura*, Rüdiger escreve:

A cibercultura pode ser definida como uma formação prática e simbólica que, influenciando na vida cotidiana, expressa e, às vezes, articula para o homem comum as circunstâncias e antagonismos sociais que vão surgindo agora, com a progressiva informatização da era maquinística que nasce no século XVII

Adiante, o autor prossegue:

A cibercultura é uma formação paradoxal porque, examinada em detalhe, o que falta a ela, pelo menos até agora, é capacidade de cultivo do ser humano, se entendermos pelo termo cultura o processo de aperfeiçoamento moral e intelectual da individualidade. O essencial, nela, consiste, ainda e, sobretudo, num processo de reciclagem do folclore mercantil que se elabora na era das massas e com a qual essas massas preenchem o vácuo da consciência surgido com a falência das instituições tradicionais em um mundo objetivamente mais racionalizado e sistêmico (idem, p.286)

Atentemos para o caráter pessimista da análise de Rüdiger. Estamos diante de uma formação prática e simbólica ao qual falta a *capacidade de cultivo do ser humano*. Notemos o caráter passivo que é atribuído ao ser humano. Nesta análise, o processo de formação do indivíduo depende totalmente de algo que o circunda: é como se estivéssemos diante de uma proposta radicalmente culturalista.

Mesmo partindo para uma abordagem mais “otimista”, o ser humano aparece novamente como um produto de um processo que ele mesmo criou. Pierre Lévy, em seu livro *Cibercultura*, apresenta a definição deste termo, junto com a definição de ciberespaço, um conceito diretamente atrelado ao de cibercultura:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (2003, p.17)

Estamos diante de uma definição próxima à de Rüdiger. Porém, partindo de definições relativamente próximas, os percursos que suas reflexões traçam são bem diferentes. Lévy defende a ideia de que a cibercultura traria um processo de quebra de fronteiras, que abre possibilidades nunca antes experimentadas pela espécie humana. Para entendermos sua visão, comecemos com a forma como o autor percebe a importância que a tecnologia assume em uma sociedade:

As técnicas determinam a sociedade ou a cultura? Se aceitarmos a ficção de uma relação, ela é muito mais complexa do que uma relação de determinação. A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece

uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo condicionada, não determinada. Essa diferença é fundamental (...) Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença. (idem, p.25)

Este papel condicionante que o autor atribui à técnica é um fator fundamental para entendermos como Lévy vê a importância que a cibercultura assume no processo de desenvolvimento humano. Na conclusão de *Cibercultura*, Lévy escreve:

A cibercultura, como terceira etapa da evolução, mantém a universalidade ao mesmo tempo em que dissolve a totalidade. Corresponde ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica, pelo adensamento das redes de comunicação e de transporte, tende a formar uma única comunidade mundial, ainda que esta comunidade seja – e quanto! – desigual e conflitante. Única em seu gênero no reino animal, a humanidade tende reúne toda a sua espécie em uma única sociedade. Mas, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, a unidade do sentido se quebra, talvez porque ela comece a se realizar na prática, pelo contato e a interação efetivos. Conectadas ao universo, as comunidades virtuais constroem e dissolvem constantemente suas micrototalidades dinâmicas, emergentes, imersas, derivando entre as correntes turbilhonantes do novo dilúvio. (idem, p.)

Tanto nas análises de Rüdiger, quanto nas de Lévy, cibercultura e seres humanos não parecem estabelecer uma relação de interação, mas sim uma relação de sobreposição, domínio da tecnologia sobre os homens. Rovilson R. Britto, em sua tese de doutorado, intitulada *Uma leitura da cibercultura a partir dos Estudos Culturais*, tece uma crítica muito interessante ao modo como Lévy concebe esta relação. O autor escreve:

Apesar de os grandes movimentos de dispersão e aglutinação por ele apontado terem acontecido de fato, a maneira posta tende para uma explicação que naturaliza esse movimento, que o inscreve como independente dos conflitos e dos percalços históricos.

Nessa concepção está embutida uma ideia de que existe um movimento determinado, independente dos homens, dos conflitos sociais, das opções de soluções históricas, que está a se realizar. Um movimento que se compararia à contração e expansão do cosmos, mas em termos sociais, na dispersão e na integração social. Que movimento é esse? Que forças o alimentam? Qual o papel do homem e da tecnologia neste processo?

Ao responder estas questões Levy nos remete a uma visão messiânica do social. Para ele este movimento seria algo latente, natural, determinado. Homem e tecnologia aparecem nesse raciocínio como meros instrumentos desta conexão planetária que não tem explicitado objetivos nítidos, senão elementos que podem até se confundir com profecias do próprio autor (BRITTO, 2006, pp. 209-210)

Faço minhas as palavras de Britto. Um “movimento determinado, independente dos homens”, uma visão que concebe homem e tecnologia como “meros instrumentos”: eis um ponto que me incomoda muito não só no pensamento de Pierre Lévy, mas nos escritos sobre cibercultura de um modo geral.

Não me arrisco a afirmar que tal postura advenha de uma visão engessada e determinista do conceito de cultura, postura que há décadas foi questionada pela Antropologia. Mas, o que afirmo com segurança é que a relação dos seres humanos com as tecnologias digitais pode ser pensada sob um ponto de vista totalmente diferente, e é justamente essa a proposta de meu projeto.

Passemos então à apresentação do tipo de análise que pretendo desenvolver nesta pesquisa.

Antropologia Ecológica

A escolha das análises de Tim Ingold como enfoque teórico para esta pesquisa se deu pelo fato de que tais perspectivas, ao buscarem superar dualidades até então fortemente instituídas no pensamento ocidental, tais como *natureza e cultura, sujeito e*

sociedade, corpo e mente, sujeito e objeto, me permitirão desenvolver uma abordagem em que *tecnologia e humanidade* não apareçam mais como duas esferas distintas, em que uma se sobrepuja sobre a outra, mas sim interagindo ambos como sujeitos, *humanos e não-humanos*, em uma relação que Ingold chama de *engajamento* (2000; 2010), relação esta que a partir da prática vai imprimindo nos seres humanos um conjunto de habilidades, que segundo o autor, é o que configura o chamado “conhecimento”.

Este parece ser o melhor caminho para apresentar uma análise da relação dos seres humanos com o mundo digital, de uma forma que não resulte em uma visão determinista como as análises sobre cibercultura que vimos acima. A *ecologia da vida*, proposta por Ingold, oferece recursos interessantes para uma reflexão sobre os nativos digitais. A antropologia ecológica é uma perspectiva que propõe estudar o ser humano enquanto uma totalidade que está em constante processo de desenvolvimento, processo este que se dá através de uma relação conjunta dos seres com o ambiente que os cerca. Vejamos este trecho de *The Perception of the Environment*:

Organic life, as I envisage it, is active rather than reactive, the creative unfolding of an entire field of relations within which beings emerge and take on the particular forms they do, each in relation to the others. **Life, in this view, is not the realization of pre-specified forms but the very process wherein forms are generated and held in place.** Every being, as it is caught up in the process and carries it forward, arises as a singular centre of awareness and agency: an enfoldment, at some particular nexus within it, of the generative potential that is life itself. (...)

I can now spell out more precisely what I mean by an ‘**ecology of life**’. It all hinges on a particular answer to Bateson’s question: what is this ‘organism plus environment’? For conventional ecology, the ‘plus’ signifies a simple addition of one thing to another, both of which have their own integrity, quite independently of their mutual relations. Thus the organism is specified genotypically, prior to its entry into the environment; the environment is specified as a set of physical constraints, in advance of the organisms that arrive to fill it (...). A properly ecological approach, to the contrary, is one that would take, as its point of departure, the whole-organism-in-its-environment. **In other words, ‘organism plus**

environment' should denote not a compound of two things, but one indivisible totality. That totality is, in effect, a developmental system (cf. Oyama 1985), and an ecology of life – in my terms – is one that would deal with the dynamics of such systems. (INGOLD, 2000, p.19) (grifos meus)

Ao partir da premissa de que a vida não é uma simples realização de formas pré-fixadas e de um enfoque que veja a relação entre os seres e os ambiente que os circunda como uma “totalidade indivisível”, procurarei ao longo desta pesquisa guiar minha análise a partir da hipótese de que é a construção do conhecimento a partir dessa relação de totalidade, que faz com que os nativos digitais desenvolvam características que lhes são peculiares.

O modo como Ingold pensa a aquisição e construção de conhecimentos e novas representações, por meio daquilo que chama de educação dos sentidos (2000; 2010) também será uma inspiração importante. Ingold defende a ideia de que a mente não está confinada dentro de nosso cérebro, ela perpassa nossos órgãos periféricos e se conecta ao ambiente circundante. Segundo o autor:

Seria errado, como argumentei em outro trabalho (Ingold, 1992, p. 51) pensar na interface entre cérebro e ambiente como uma área de contato entre dois campos mutuamente exclusivos, mental e público, respectivamente; antes, para usar o termo de Bohm (1980, p. 177), cada um está ‘implicado’ no outro. Assim, ao longo do desenvolvimento, a história das relações de uma pessoa com o seu ambiente está envolvida em estruturas específicas de atenção e resposta, neurologicamente fundamentadas. Do mesmo modo, envolvidas dentro das variadas formas e estruturas de ambiente estão as histórias das atividades de pessoas. Em suma, as estruturas neurológicas e as formas (artefatos) que Sperber chama de representações não são causas e efeitos umas das outras, mas emergem juntas como momentos complementares de um processo único – isto é, o processo da vida das pessoas no mundo. É dentro deste processo que todo conhecimento é constituído. (2010 a, p.23)

Tomemos como exemplo a seguinte situação: para quem vive em uma grande metrópole, é praticamente impossível não ter, em sua casa, trabalho, ou em algum meio de transporte público, se deparado com um jovem olhando fixamente para a tela de seu celular, com fones de ouvido e manuseando rapidamente a tela *touchscreen* do aparelho que carrega nas mãos. No mínimo, três sentidos (visão, audição e tato) estão sendo simultaneamente acionados apenas pela interação da pessoa com o celular que porta nas mãos. Ora, pode-se dizer então, com base no que vimos até aqui, que este jovem está construindo um conhecimento sobre o mundo que o cerca por meio de sua relação com seu aparelho.

Tem-se aqui, finalmente, uma forma de abordagem que permite que pensemos na pergunta que intitula este projeto: afinal, como um nativo digital constrói suas relações? É bom destacar que me refiro não só às relações estabelecidas com outros seres humanos, mas com o ambiente como um todo, com o “mundo” à sua volta. A antropologia ecológica se apresenta como uma via muito fecunda para explorarmos esta questão.

Justificativa: Com base no que foi apresentado até aqui, pode-se perceber que a relevância desta pesquisa se dá principalmente por dois fatores: o primeiro diz respeito aos estudos existentes sobre os nativos digitais. Uma perspectiva antropológica – que busque pensar estes seres como agentes ativos, que se constroem a partir de uma ação de interação com o ambiente que os cerca, marcado pela presença das tecnologias digitais em seu cotidiano – abriria novos horizontes aos estudos referentes a esta temática. O segundo fator remete diretamente à construção do saber antropológico: uma pesquisa que, a partir uma etnografia que tem como foco as interações entre seres humanos e as tecnologias digitais, se dedique a refletir sobre o conhecimento (com base

no modo como Ingold concebe o termo) como fruto do engajamento dos seres com o ambiente, certamente trará indagações, discussões e reflexões muito enriquecedoras à Antropologia.

Objetivos: Iniciei a introdução deste projeto com uma citação de *O Nativo Relativo* em que Eduardo Viveiros de Castro diz que o conhecimento antropológico é uma relação social, que ao mesmo tempo é efeito das relações compartilhadas com o(s) outro(s) e é causa de transformações. Acredito que não é só o conhecimento antropológico que é dotado desta característica, mas o conhecimento de um modo geral. É por isso que pensei no título *Relações num Mundo Digital*. Nele, procurei sintetizar a questão que norteará meu olhar ao longo do desenvolvimento da pesquisa: como a interação entre as tecnologias digitais e seres humanos constrói o chamado “nativo digital”. Refletir sobre tal relação é o objetivo central da pesquisa.

Como essas pessoas se relacionam com as tecnologias digitais? Como aprenderam a utilizá-las? Quais os usos que fazem delas? Em que contextos essas tecnologias são utilizadas? Como as veem? Há contextos específicos em que essas tecnologias não sejam utilizadas? Como essas pessoas percebem a diferença entre elas e as que as antecederam na geração de seus pais e avós? Essas são algumas das tantas perguntas que me instigarão no decorrer desta pesquisa.

Algumas outras indagações surgem a partir daí. As análises sobre os nativos digitais apresentam um discurso homogeneizador, construído com base em características gerais (“bem informados”, “hiperativos”, “superficiais” etc.), mas seriam todos eles iguais? Iguais em que sentido? Os estudos de Antropologia Urbana nos mostram que a cidade pode se apresentar como um contexto multifacetado e os sujeitos que nela vivem carregam consigo múltiplas identidades. Esta pesquisa buscará também,

com base em uma etnografia feita na cidade de São Paulo, traçar um perfil mais detalhado, mais próximo ou, como diria Geertz, mais “denso” destas pessoas.

Metodologia de Pesquisa

Do ponto de vista metodológico, esta será uma pesquisa cheia de fatores aos quais devo ficar atento. Primeiramente, estou propondo uma análise de antropologia ecológica em um contexto urbano. O trabalho de campo que desenvolvi em minha pesquisa de mestrado também se deu na cidade de São Paulo. Ainda que o tema (no mestrado estudei os *otakus*, fãs aficionados de mangás e animes) e o problema de pesquisa (procurei refletir sobre a relação entre ficção e realidade) tenham sido bastante diferentes, pude aprender certas nuances da pesquisa antropológica realizada em uma metrópole.

Autores importantes para a constituição da chamada Antropologia Urbana, como Gilberto Velho e José Guilherme C. Magnani, em seus escritos (VELHO, 1986; 1987; MAGNANI, 2002; 2009) atentaram para o fato de que, ao pesquisador que busca empreender uma pesquisa etnográfica nas grandes cidades, apresenta-se uma aparente contradição entre a imagem da metrópole como uma atmosfera massificadora, imponente, impossível de ser pesquisada em sua totalidade, que engloba uma série de indivíduos isolados, cada um com uma biografia diferente e a busca por se encontrar aquilo que Magnani chama de “unidade de análise”. Disse que tal contradição é apenas aparente pois tais autores mostraram que há formas de contornar as dificuldades oriundas de um trabalho de campo feito em um contexto urbano.

Está claro até aqui que proponho estudar os nativos digitais. Mas, como vimos acima, Palfrey e Gasser os definem como uma comunidade global, já que as tecnologias

digitais estão espalhadas por todo o planeta. Vimos que o principal fator que define um ser humano como “nativo digital” é o fato deste ter nascido em um ambiente em que as tecnologias digitais já existiam. Pode ser alguém nascido em 1990, ou em 2016. Fica difícil precisar uma faixa etária com a qual trabalhar. Não há um bairro da cidade de São Paulo em que se concentrem, como por exemplo, é o caso do bairro da Liberdade para a comunidade oriental. Mas, é importante ressaltar que estes são fatores que podem trazer certas complicações, mas de forma alguma inviabilizam a pesquisa.

Ainda que tenham diferentes idades, sejam de classes sociais diferentes, sejam garotos, garotas, homens, mulheres, hetero ou homossexuais, sejam de um “bairro chique” ou “da quebrada”, é a sua interação com as tecnologias digitais que me interessa. Meu olhar, como etnógrafo, terá um foco bem preciso ao qual se dirigir. Mas, estou bem consciente de que as particularidades de cada “nativo” não podem ser ignoradas.

Além da pesquisa de campo “tradicional”, feita a partir do contato direto, físico e imediato com os sujeitos pesquisados, utilizarei uma metodologia de pesquisa que por alguns é conhecida por *netnografia*, por outros como *etnografia virtual* (HINE, 2000; AMARAL, 2008). Esta prática consiste em ir atrás dos rastros deixados pelos nativos em meio ao chamado *ciberespaço*. Visitar blogs, participar de fóruns online, conversas por meio de redes sociais, análises de postagens, vídeos e até mesmo “curtidas”: todas essas práticas fazem parte de uma etnografia dentro de um mundo virtual. Essa prática se fará necessária, pode-se até mesmo dizer fundamental para a realização desta pesquisa, na medida em que se aqui pretendo realizar uma abordagem ecológica, não há como deixar de lado um dos principais ambientes com o qual um nativo digital interage: o mundo virtual.

Cronograma de desenvolvimento

ATIVIDADES	1º ano		2ºano		3ºano		4ºano	
	1ºsem	2º semi	3ºsemi	4º semi	1º semi	2º semi	3ºsemi	4ºsemi
Cursos e créditos	X	X	X	X				
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X				
Pesquisa de campo		X	X	X	X	X		
Organização e análise dos dados				X	X	X	X	
Redação Preliminar da dissertação						X	X	
Exame de qualificação				X				
Redação e defesa da dissertação							X	X

Referências bibliográficas

AMARAL, Adriana, NATAL, Geórgia e VIANA, Luciana. 2008. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. In: *Famecos PUC/RS n°20*

BATESON, Gregory. 1987. *Steps to an Ecology of Mind*. New Jersey: Jason Aronson Inc.

BRITTO, Rovilson R. 2006. *Uma leitura da cibercultura a partir dos estudos culturais*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Isabel C. M. e Carlos A. STEIL. 2012. *O pensamento ecológico de Tim Ingold*. In: *Anuario de Antropología Social y Cultural en Uruguay*, Vol. 10.

_____. 2014. *Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito*. In: *Mana* 20(1).

FRANCO, Edgar S. e NETO, Elydio S. 2010. *Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro*. In: *Revista de Educação do COGEIME* 19(36)

GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora.

HINE, Christine. 2000. *Virtual Ethnography*. London: Sage.

INGOLD, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.

_____. 2010 a. *Da transmissão de representações à educação da atenção*. In: *Educação* 33(1)

_____. 2010 b. *Ways of mind-walking: reading, writing, painting*. In: *Visual Studies* 25(1)

_____. 2012. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. In: *Horizontes Antropológicos* 18(37)

LÉVY, Pierre. 1998. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: ArtMed.

_____. 2003. *Cibercultura*. 3ª edição. São Paulo: Editora 34.

MAGNANI, José Guilherme C. 2002. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 17(49).

MILLER, Daniel. 2011. *Tales from Facebook*. Cambridge: Polity Press.

MILLER, Daniel e HORST, Heather A. 2015. *O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital*. In: *Revista Parágrafo* 2(3).

PALFREY, John e GASSER, Urs. 2011. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed.

RIFIOTIS, Theophilos. 2012. *Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica*. In: *Civitas - Revista de Ciências Sociais* 12(3).

RÜDIGER, Francisco. 2003. *Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina.

_____. 2013. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto alegre: Sulina.

SILVA, Regina C. M. 2011. *A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?* In: *Horizontes Antropológicos* 17(35).

SOUZA, Marcos. 2013. *O real conceitos de nativos e imigrantes digitais nas redes sociais digitais: conceitos, vivências e comportamento.* Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense.

TADEU, Tomaz (Org.). 2009. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

VELHO, Gilberto. 1986. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 1987. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VELHO, Otávio. 2001. *De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico.* In: *Mana* 7(2).

VIVEIROS DE CASTRO. 2002. *O Nativo Relativo.* In: *Mana* 8(1).